



Camdessus lembrou o custo social dos planos de ajuste econômico

Ricos debatem mais ajuda

Washington — O grupo das sete nações industrializadas reuniu-se ontem para decidir o aumento dos recursos do Fundo Monetário Internacional, em meio a uma advertência do mundo em desenvolvimento sobre a necessidade de mais dinheiro para ajudar tanto as democracias emergentes da Europa Oriental como os países pobres em geral. Em sua primeira reunião numa dependência do Senado dos EUA, os ministros das finanças e diretores de bancos centrais do Grupo dos Sete — Estados Unidos, Japão, Alemanha Ocidental, Grã-Bretanha, França, Canadá e Itália — tinham na pauta dos debates a atual tendência de retração na economia mundial e as taxas de câmbio do dólar, do iene japonês e do marco alemão.

Um funcionário do Tesouro disse na semana passada que embora a baixa cotação do iene cause apreensão, os mercados parecem ter se estabilizado desde a reunião prévia do Grupo dos 7 no início de abril, em Paris. A baixa do iene torna os produtos japoneses mais competitivos nos mercados mundiais. O FMI anunciou na semana passada que esperava

um crescimento da economia mundial de apenas 2,25 por cento em 1990, o mais baixo desde 1982, enquanto as pressões inflacionárias continuam fortes. O Grupo dos 7 reuniu-se separadamente, antes das reuniões de hoje e amanhã, do FMI e do Banco Mundial.

O diretor-gerente do FMI, Michel Camdessus, previu sábado que o Grupo dos 7 chegaria a um acordo para aumentar entre 50 e 70 por cento as contribuições dos países membros para a organização mundial. Bérmard Chidzero, presidente do Comitê de Desenvolvimento Consultivo do FMI e do Banco Mundial, advertiu às potências industrializadas que “um supremo esforço é necessário para gerar recursos de ajuda tanto às nações da Europa Oriental como os países do Terceiro Mundo”.

Chidzero, que é também ministro das Finanças de Zimbábue, disse que os países ricos parecem dispostos a aprovar um aumento nos recursos “nominais” para ajuda externa, sem levar em conta os efeitos inflacionários.